

A PREPOSIÇÃO PARA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ENTRE A INVARIÂNCIA DE FUNCIONAMENTO E A VARIAÇÃO SEMÂNTICA

THE PARA PREPOSITION IN BRAZILIAN PORTUGUESE: BETWEEN THE
OPERATION INVARIANCE AND THE SEMANTIC VARIATION

PAULA DE SOUZA GONÇALVES

Universidade Estadual Paulista/UNESP

psouzag@yahoo.com.br

Propomos uma reflexão sobre o estatuto léxico-gramatical da preposição “para” do português brasileiro tomando-a como parâmetro para obter respostas em um contexto mais amplo, o das “preposições”. Nossa perspectiva teórica (Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas - TOPE) tem como objeto o enunciado e o fenômeno referencial. No âmbito desta teoria, uma preposição não é apreendida como a tradução de um sentido que existiria independentemente do próprio material verbal no qual ela se encontra inserida, o que atesta a impossibilidade de identificá-la, semanticamente, por meio de um sentido básico, de um “conteúdo permanente”, visto ser este necessariamente fruto da inserção discursiva da preposição. A partir dessa hipótese, ilustrada pela leitura de um enunciado, mostraremos ser possível propor uma definição semântica unitária de “para” sustentada por esquemas operatórios que se manifestam no conjunto de seus empregos e que não separam o léxico da gramática.

Palavras-chave: Para. Operações Enunciativas. Enunciado. Preposição. Culíoli

The aim of this work is to provide an insight into the lexicon-grammatical status of the “para” preposition from the Brazilian Portuguese language as if it were a parameter in order to achieve blueprints in a broader context, that is, the context from the “prepositions”. Our theoretical perspective aimed at the utterance (Theory of Enunciative and Predicative Operations) and the reference phenomenon. Within this semantical framework, a preposition has not an independent sense, that is why it’s not possible to identify it, semantically, by means of a basic sense because this is the result of the preposition discursive insertion. By such hypothesis, illustrated by the analysis of one utterance, we will show that it is possible to set an unitary semantical definition

Recibido

31/01/12

Aceptado

06/03/12

to the “para” preposition based on an usage scheme, i. e., which is reflected on all its uses and doesn’t separate lexicon and grammatical working principles.

Key words: Para. Enunciative Operations. Utterance. Preposition. Culoli.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o estatuto léxico-gramatical da preposição *para* no português brasileiro tomando como base teórica a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culoli.

Nosso intuito é o de definir uma problemática que permita descrever as preposições do ponto de vista da diversidade de seus valores (espaciais, temporais, figurados, etc.) sem privilegiar um tipo de valor. Definimos a preposição como um relator que coloca dois termos em relação. Esta definição é apresentada por numerosos autores, mas de fato ela é aplicada essencialmente na descrição dos valores espaciais e temporais. Geralmente, como mostra a terminologia mais divulgada, a descrição das preposições privilegia mais frequentemente a preposição e o termo consequente (basta conferir as noções de *complementos preposicionais*, que repousam sobre a sua visibilidade).

Neste trabalho, não discutiremos o uso ou não da nomenclatura “complementos preposicionais”, mas buscaremos identificar o termo antecedente à preposição no quadro do esquema A (antecedente) R (preposição) B (consequente). Frequentemente, um valor é declarado espacial (ou temporal, ou outro) unicamente porque o N correspondente ao consequente tem uma dimensão espacial ou temporal, o que seria uma projeção das propriedades semânticas do N sobre a preposição, desconsiderando, assim, a sua própria semântica, que envolve valores tanto lexicais quanto gramaticais.

Neves, em sua *Gramática de usos do português* (2000), apresenta alguns exemplos da preposição *para* introduzindo complementos de verbos que indicam *valores temporais, de beneficiário*, dentre outros¹:

PARA o segundo semestre, dois novos toca-discos laser *deverão chegar* às lojas.
(temporal)

Tinha também aquele tipo “Sherlock” (...) mas eu achei que *PARA você ornava* mais este. (beneficiário).

¹ Para uma referência completa dos exemplos, ver NEVES, 2000 :691-701. Grifos do autor.

Dentro dos propósitos deste nosso trabalho, acreditamos que o fato de o N ter uma dimensão temporal, espacial, de beneficiário ou outra, não é suficiente para definir o valor preposicional como temporal, espacial ou outro. Além disso, alguns autores defendem a tese segundo a qual a preposição é dessemantizada quando ela introduz um argumento do verbo.

Tal abordagem não permite dar conta dos casos em que um mesmo argumento pode ser introduzido por duas (ou mais de duas) preposições: *ir à/para/em*, *voltar à/para/em*, entre outros. Em cada um desses exemplos, o emprego de cada preposição produz efeitos particulares.

Assim sendo, adotamos uma definição da preposição como relator da forma A R B e tentamos pautar nosso estudo em uma reflexão sobre as operações da preposição *para* no enunciado, trabalhando na identificação do termo consequente, mas também na identificação do antecedente (doravante, A, o N introduzido pela preposição sendo B).

Nossa reflexão sobre as operações da marca *para* visam a mostrar seu papel tanto gramatical (ao relacionar os termos) como lexical (ao colaborar para o sentido do enunciado) no português brasileiro, pois, assim como Culíoli, acreditamos na e queremos desvendar a complexidade dos fenômenos das línguas (e da linguagem) até hoje tratados de maneira classificatória:

[...] durante muito tempo e de modo inevitável, insistiu-se nas propriedades classificatórias dos fenômenos linguísticos. De onde surge um trabalho fundado em etiquetas, propriedades do tudo ou nada, identificações estáveis e prosas em hierarquias rígidas, controles à distância funcionando graças a sinais retransmitidos sem perda através de espaços homogêneos. Graças a uma sólida divisão disciplinar (fonética, sintaxe, semântica, pragmática), não se tinha como encarar de frente a questão da complexidade dos fenômenos. (Culíoli 2000: 127-134, tradução nossa.)²

² “[...] pendant longtemps et de façon, au reste, inévitable, on a insisté sur les propriétés classificatoires des phénomènes linguistiques. D'où un travail fondé sur des étiquettes, des propriétés en tous ou rien, des identifications stables et proses dans des hiérarchies rigides, des contrôles à distance fonctionnant grâce à des signaux relayés sans perte à travers des espaces homogènes. Grâce à une solide division disciplinaire (phonétique; syntaxe; sémantique; pragmatique), on n'avait pas à aborder de front la question de la complexité des phénomènes.” (Culíoli, 2000: 127-134)

2. ALGUNS CONCEITOS DA TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS (TOPE) DE ANTOINE CULIOLI QUE SERÃO UTILIZADOS NESTE TRABALHO:

Segundo Antoine Culoli, é possível chegar às operações de linguagem por meio do estudo das marcas presentes nos enunciados. Para ele, a linguagem é uma atividade de representação, referênciação e regulação sendo, assim, impossível concebê-la de modo estático.

2.1 Atividade de representação

Essa atividade de representação ocorre entre o “eu” e o “outro” o que leva a um processo de regulação e equilíbrio.

A atividade de representação, individual e psicológica, considera, além da manifestação verbalizada da linguagem, outros domínios que não são estritamente linguísticos. Essas operações apresentam-se em três níveis de representação:

Nível nocional: nível das representações mentais das propriedades físico-culturais. Essas propriedades físico-culturais são organizadas em *noções*, que são representações inacessíveis, mas que podem ser apreendidas através dos textos, dos gestos, prosódia, entonação, etc.;

Nível dos agenciamentos das marcas, as quais remetem às operações mentais;

Representações metalingüísticas³ das representações do nível 2.

2.2 Atividade de referenciação

A referenciação é uma relação entre um elemento A, do domínio linguístico e um elemento B, do domínio extralingüístico; esses elementos não se correspondem termo a termo e as relações por eles construídas não são fixas nem imutáveis. Assim, quando um termo A é construído num sistema de referência, recebe um valor referencial ou, a determinação de uma propriedade.

O universo linguístico (linguagem), apesar de estar em constante movimento (em princípio inacessível e incontrolável), apresenta uma grande coerência interna permitindo as variações, as deformações e as diferenças, sem parecer desconexo ou incoerente.

³ A atividade metalingüística acontece a cada vez que se reflete sobre a experiência que se tem de uma ou várias línguas.

2.3 Atividade de regulação

A atividade de regulação tem um papel central na atividade de linguagem e consiste em uma tentativa de adequação do discurso por parte do enunciador dependendo do seu ouvinte ou leitor, trata-se de uma reflexão sobre a própria atividade de linguagem. Esse processo também pode ser entendido como um processo interno de estabilização e equilíbrio.

2.4 Enunciado

A partir de um esquema comum - a que chamamos *léxis* – realizam-se operações que resultam no enunciado linguístico. Essas operações sustentam os enunciados podendo ser recuperadas a partir de suas marcas. Em poucas palavras, dentro dos pressupostos teóricos aqui adotados, um enunciado poderia ser definido como uma unidade que representa uma realidade.

O enunciado aparece como um agenciamento, mas as operações linguísticas são tais que um enunciado gera vários outros e várias interpretações. Em outras palavras, a significação de um enunciado, além de seu sentido, provém da acomodação intersubjetiva, ou seja, da *enunciação*.

2.5 Noção

As *noções* são complexos sistemas de representação de propriedades físico-culturais, isto é, propriedades do objeto resultantes de manipulações necessariamente tomadas no interior das culturas. A noção compreende uma forma de representação não linguística, ligada ao estado do conhecimento e a atividade de elaboração de experiências de cada pessoa. Por exemplo, quando pensamos em “mulher” (que não pertence à linguística, mas ao domínio das representações), antes mesmo de mencionar essa palavra num enunciado, temos a representação daquilo que é “mulher”. Essa representação é construída com as propriedades comuns a todos os tipos de mulher (alta, baixa, inteligente, bonita, etc.). Esse conjunto de propriedades é chamado de noção: a noção “mulher” é a propriedade “ser mulher”. A partir da noção de “mulher”, que não pertence à linguística, mas ao domínio das representações, constrói-se um domínio nocional⁴.

⁴ O domínio nocional envolve a ideia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento e, por outro, colocando-os em relação para representar uma certa relação entre eles.

Como se pode notar, ao deixarmos de lado as abordagens tradicionais que se utilizam do léxico e da gramática pré-definidos, nosso trabalho busca explicar o processo de construção ou desconstrução de categorias. Culíoli propõe que existe um *estado zero* de categorização para explicar este processo, é neste estado zero (por meio da *modalidade*, por exemplo) que as marcas enunciativas permitiriam a desambiguação dos enunciados em famílias parafrásticas.

Numa situação real de enunciação, os termos de uma língua mudam de função a todo momento, o que em princípio era um verbo passa a ser um nome, o que era definido passa a ser indefinido, enfim, torna-se impossível uma classificação feita antes da materialização das formas. Por isso, Culíoli propõe que os processos gramaticais gerais são formalizados pelas diferentes línguas por marcas diversas. De maneira que, se partirmos de um grau zero para procurar os elementos, ou marcas, que representam essas operações enunciativas gerais em línguas diversas, teremos facilidade em entender o funcionamento das unidades da língua.

Só podemos definir as etiquetas gramaticais (categorias prontas) no interior de uma situação enunciativa, ou seja, após a construção ou interpretação das operações envolvidas em cada produção de enunciado. Essas categorias têm a ver com a determinação e a modalidade, por exemplo.

2.6 Determinação

A determinação é um conjunto de operações elementares (extração, flechagem, varredura, localização) que são resultados de operações de quantificação e qualificação possibilitadas pelas características da noção.

As operações de *quantificação* : “extração”, “flechagem” e “varredura” consistem em atividades com o objetivo de extrair um em vários elementos de determinada classe ou extrair uma parte de um todo e proporcionar a devida localização dessa noção com relação à situação de enunciação. Isso quer dizer que se falarmos em “A”, assinalamos uma ocorrência, isolamos e delimitamos seus limites espaço-temporais. Atribuímos um estado existencial, real ou imaginário à ocorrência de uma noção devidamente situada.

a1) Extração - Traz para a existência discursiva uma ocorrência individualizada que não tem nenhuma outra característica distintiva

a não ser pelo fato de que foi escolhida dentre outras. Ela permite ao sujeito enunciador isolar um ou mais elementos de uma classe de ocorrências. Essa operação de extração se dá sobre a extensão de um domínio nocional e os elementos isolados são atualizados no discurso.

A “extração” corresponde a separar de uma coleção ou conjunto, um elemento desse conjunto.

O exemplo a seguir demonstra essa operação: *Olha! Um gato passou pela janela!* Nessa sequência, *um* marca que uma ocorrência

A_i foi extraída do domínio $A_i, A_j \dots A_n = A$ da noção /gato/.

a2) Flechagem - Trata-se de uma retomada por identificação estrita que distingue um elemento, identificando-o consigo mesmo, conferindo um grau de determinação suplementar; tendo como traços de superfície na língua uma série de dêiticos. Vejamos um exemplo:

O gato sentou na janela. Nesse enunciado, *a* marca que A_j , do domínio nocional $A_i, A_j \dots A_n = A$ da noção /gato/, identifica-se com

a ocorrência A_i , anteriormente extraída. Agora não se trata mais de uma ocorrência qualquer de /gato/ que o enunciador introduz em seu enunciado pela primeira vez, mas sim de um gato específico que o enunciador já enunciou anteriormente.

a3) Varredura - Essa operação consiste em percorrer todos os valores assinaláveis ao interior de um domínio sem poder se ater a um valor distinguido (exemplo : “todo gato mia”, “todo gato tem quatro patas”).

2.7 *Modalidade*

Antoine Culoli distingue quatro tipos de modalidade: as modalidades 1 são as da asserção (afirmação ou negação), as da interrogação e as da ênfase. Elas permitem colocar uma fórmula (seja ela afirmativa ou negativa) como validável, isto é, referenciável.

As modalidades 2 são as do necessário ou as do possível, até as da certeza. Podemos dizer que, juntando os dois casos 1 e 2 teremos uma enunciação sobre julgamentos universais (é necessário que...) ou sobre julgamentos localizados (é provável que em certas circunstâncias...).

As modalidades 3 constituem a dimensão apreciativa e centralizam o sujeito enunciador. Por meio dessas modalidades, constroem-se nas línguas todas as distâncias e as avaliações não assumidas pelo enunciador e também todos os julgamentos auto-centrados.

Da combinatoria das modalidades podemos construir uma certa representação das coisas e estabelecer uma relação intersujeitos, considerando discursos anteriores ou projeções de discursos.

Dadas essas necessárias definições dos termos que utilizaremos abaixo, é importante chamar a atenção, antes de iniciar nossa análise, para o fato de que não procuramos um sentido de base ou um catálogo de valores para a preposição *para*, mas sim, uma forma que permita representá-la em todos os seus usos, sem transformá-la em algo estável e sem separar as noções de léxico e gramática.

A seguir, faremos a leitura de um enunciado e seu contexto, trabalhando-o com paráfrases e glosas para ilustrar nosso ponto de vista teórico e acima de tudo, tentar colaborar para a reflexão em torno da preposição *para* e seu estatuto híbrido (lexical e gramatical). Trata-se de um enunciado retirado de um site esportivo.

3. LEITURA DE UM ENUNCIADO

1 Kjaer: “O futebol alemão não é para mim”⁵

Zagueiro falou sobre a passagem frustada pelo Wolfsburg

Simon Kjaer admitiu que não gostou do futebol da Bundesliga depois de uma campanha fracassada com o Wolfsburg na temporada passada. [...] «O Wolfsburg foi uma grande experiência, mas não foi bom para mim ou para o resto da equipe», disse Kjaer, de acordo com o jornal *Il Corriere dello Sport*. «Na Alemanha tudo é sobre o individual, você tem que confiar em você, ao contrário da Itália onde você tem que confiar em seus companheiros. Não é o meu tipo de futebol (o alemão)». No enunciado (1): Kjaer: “O futebol alemão não é para mim”

Podemos perceber que o jogador Kjaer, por ter tido uma passagem frustada pelo Wolfsburg, faz uma apreciação (caracterizada como modalidade 3 na TOPE) sobre o futebol alemão, considerando-o incompatível com a sua maneira de jogar. Kjaer atribui ao futebol da Alemanha a característica de ser focado no individual, o que não lhe agrada. O jogador ainda diz que prefere o futebol italiano em que não há uma preocupação muito grande com o individual, mas com o coletivo.

⁵ Retirado do site esportivo :<http://www.goal.com/br/news/3598/alemanha/2011/09/08/2656559/kjaer-o-futebol-alem%C3%A3o-n%C3%A3o-%C3%A9-para-mim>, acesso em 05/10/2011 às 16 :00 hrs.

Como podemos notar, no enunciado 1 “mim” (por ora, B), é colocado em relação com “o futebol alemão” (doravante, A) com a ajuda do relator “para”. Podemos perceber que o /futebol/ enquanto “ser algo” pode ser tomado como um simples jogo esportivo disputado por dois times que representam, cada um, uma nação, num primeiro momento (T_0) do enunciado, mas, após o trabalho da preposição “para” que, em um sentido muito abstrato provoca uma operação de extração de uma característica da noção /futebol/, ele passa a ter um outro estatuto, adquirido, ou seja, não é compatível com o futebol que “Kjaer” gosta de jogar, não se trata de uma “maneira de jogar” qualquer, mas um maneira individualista que não é compatível com Kjaer. Tudo isso ocorre num segundo momento do enunciado (T_1), em que a propriedade extraída da noção /futebol/ lhe é devolvida em caráter necessário para a atualização do enunciado.

De acordo com o enunciado em que está inserida, o trabalho de “para” consistirá em modulações, aproximações, enfim, alterações em relação ao valor do localizado. Em resumo, o trajeto de representação (e de validação) é: valor inicial da noção (Interior do domínio nocional /futebol/) → valores outros (Fronteira+ Exterior do domínio nocional “ser para alguém”) não validados (de onde: vazio) → retorno ao valor inicial distinguido (extração de uma propriedade), todo outro valor sendo descartado. Obtém-se, assim, uma especificação que induz a um valor estabilizado.

Percebemos que, por meio das operações dessa preposição em interação com o enunciado, o termo “mim” em 1 passa a atribuir a “futebol alemão” uma característica que até então não lhe pertencia, ou seja, a de ter uma “maneira de jogar” individualista que não é especificamente destinada para o jogador em questão, que prefere trabalhar em equipe. Considerando-se “O futebol” e todo arcabouço semântico que lhe cerca, acrescenta-se uma característica que não é, necessariamente, uma característica de “futebol”, ela passa a lhe pertencer no momento de interação no enunciado entre preposição e seus demais elementos. Além disso, esta característica não é definitiva, não define o futebol alemão ou qualquer outro, mas lhe especifica. Esta maneira de jogar pode ser boa para qualquer outro jogador que goste da maneira individualista de jogar dos alemães.

Por outro lado, B (origem de determinação de A na atualização do enunciado) passa a ser considerado seu único localizador, dentro

de uma classe de categorizações possíveis de A, em outras palavras, o futebol alemão pode *ser para Neymar*, um jogador do Brasil que gosta de jogadas individuais; *pode ser para os bons* que não dependem da equipe, etc... Apostamos que esse duplo movimento (de B atribuir propriedades não-definitivas a A e, ao mesmo tempo, passar a ter uma relação única com A porque, nesta situação enunciativa, se existe algo que não é para Kjaer, só pode ser o futebol alemão) que acontece no enunciado é resultado do trabalho da preposição “para” que coloca dois termos e suas respectivas propriedades em relação (além, é claro, de todo o contexto de esquerda e de direita que lhes cercam). Dessa observação e de outras que se seguirão, perceberemos que “para” não contribui para fixar a referência da palavra, ou seja, ela não tem um valor determinativo e sim, um **valor referencial**.

Se extraímos a marca “para” do enunciado e a parafrasearmos, chegaremos ao enunciado 1a, em que conseguimos recuperar de 1 que o jogador já teve outras experiências em futebol e, pelo contexto apresentado acima, podemos perceber que futebol alemão, com suas características, não é o seu preferido:

(1a) Kjaer teve outras experiências em futebol (como no futebol italiano, por exemplo) e pensa que a maneira individualista de jogar dos alemães não foi uma boa experiência para ele.

No enunciado 1a, recuperamos o preconstruído de 1 (de que Kjaer teve outras experiências) que acessamos a partir de um momento anterior ao da enunciação T_0 e trabalhamos as modalidades 1, da asserção, e 3 (modalidade apreciativa). Além disso, inserimos uma modulação temporal. Neste caso, A (“O futebol alemão”) é considerado inadequado a B (“mim/Kjaer”) que, segundo o contexto apresentado, não gosta de jogar individualmente, preferindo jogar confiando em seus companheiros. Ao mesmo tempo, percebemos que “mim” passa a ser o único localizador de A por manter com este uma relação virtual dentro do enunciado. Podemos dizer que sem a marca, não há estabilização da noção /futebol/, já com o uso da marca, apesar de haverem outras propriedades para instanciar /futebol/, esta noção é instanciada.

Para deixar mais clara a relação única e decisiva de B em relação a A, bastaria mudarmos um pouco o contexto de 1a e mudar também o B desta relação: O futebol alemão com sua característica individualista é bom para aqueles jogadores que confiam mais em seu trabalho do que no trabalho de seus colegas (1b).

(1b) O futebol alemão é para aqueles que preferem confiar em si a confiar em seus companheiros.

Dessa maneira, fica clara a necessidade que a marca “para” tem dos outros componentes do enunciado, revelando que o efeito causado no enunciado não se trata apenas de algo inerente à preposição, mas de um jogo enunciativo que leva em conta os contextos de esquerda e de direita, isso para não falarmos dos conhecimentos extralingüísticos, pois sabemos que o futebol alemão ganhou três campeonatos mundiais, o que faz dele muito bom, mesmo optando por jogadas mais individualistas de seus jogadores.

(1c) Se Kjaer tivesse tido uma temporada boa (de jogos) na Alemanha, ele consideraria o futebol alemão compatível sim com a sua forma de jogar!

Em 1c trabalhamos o apagamento da marca “para” e criamos uma situação hipotética com o intuito de entender o seu funcionamento no enunciado 1. Em 1c (em que trabalhamos a modalidade 1, da ênfase), recuperamos que Kjaer não se considera um jogador adequado ao futebol da Alemanha pelo fato de não ter conseguido lidar com o individualismo característico deste e ter fracassado em sua atuação. Podemos perceber, dessa maneira, que a propriedade do futebol alemão de “não ser compatível com a maneira de jogar de Kjaer” é uma propriedade que não lhe é intrínseca, uma vez que se o jogador tivesse ido bem em sua temporada na Alemanha, ele, certamente, diria que o futebol alemão era para ele. Dessa maneira, podemos perceber que o funcionamento da marca “para”, ao atribuir uma característica B a A é caracterizado como atribuindo uma característica momentânea e completamente dependente do contexto.

Como percebermos em 1d, quando fazemos uma alteração em A (aquilo que precede a preposição), B não se altera, uma vez que este é tomado como um localizador estável.

(1d) Kjaer considera que o futebol italiano é mais compatível com sua maneira mais coletiva de jogar, então, podemos dizer que o futebol italiano é para ele.

Em 1d, por meio do trabalho com a modalidade da asserção afirmativa e apreciativa do sujeito e da flechagem de “o futebol italiano”, comprovamos que a marca “para” não atribui propriedades definitivas ao termo que a antecede, pois, como podemos perceber, o “futebol italiano” só passa a ser compatível com Kjaer quando retomamos

os pressupostos de “o futebol italiano” e percebemos que ele possui uma característica que agrada Kjaer. Em outras palavras, é o jogo dos dados linguísticos e extralingüísticos em associação com o contexto e a situação enunciativa que vão permitir à preposição “para” atribuir uma característica ao futebol italiano, de ser compatível com o modo de trabalhar de Kjaer.

Por outro lado, se fazemos uma alteração em B, alteramos a noção de A:

(1e) Vários tipos de futebol (inclusive o alemão) podem ser bons para vários jogadores, menos para Kjaer, uma vez que ele prefere a maneira coletiva de jogar do futebol italiano.

No enunciado 1e, trabalhamos a noção do termo correspondente a A, podendo perceber que no momento anterior à enunciação percorremos todas as ocorrências de futebol que é tido em sua noção mesma de /um jogo esportivo disputado por dois times, com uma bola de couro, num campo com um gol em cada uma das extremidades, e cujo objetivo é fazer entrar a bola dentro do gol defendido pelo adversário/ (interior do domínio /futebol/ em oposição ao exterior do domínio /tudo aquilo que não é futebol/), o país em que o futebol é jogado, pouco importa para a noção de “futebol” no momento anterior à enunciação. Mas, no momento da enunciação, enxergamos esse futebol de um ponto de vista específico, o futebol que é jogado na Alemanha, que apesar de ser igual aos outros em termos gerais⁶, tem a característica de não agradar a Kjaer por ser individualista (aquilo que não é exatamente /futebol/, mas um futebol em que o jogador – apesar de jogar em uma equipe – deve confiar mais em si do que em seus companheiros, o que não é compatível com a maneira de jogar de Kajaer). A cada atualização do enunciado com a preposição “para”, diferentes propriedades serão agregadas a “futebol”, especificando-o momentaneamente, ou seja, apenas no instante da enunciação. Vale ressaltar que todo esse raciocínio ocorre a partir da construção “A não ser PARA B”, pois somente o fato de o futebol ser jogado na Alemanha não faz dele diferente de outro futebol (em linhas gerais), mas, a partir do momento em que se coloca que ele não é para Kjaer, percebe-se que não se trata de um futebol qualquer, o que aguça a

⁶ Isso pode ser percebido pela operação de varredura « ser bom – no sentido de compatível – para vários jogadores » em que se percorre todos os valores possíveis da noção /futebol/.

curiosidade do leitor do jornal *Goal.com* que vai buscar entender em que o futebol alemão difere do futebol italiano, por exemplo.

Neste enunciado, pode-se observar que a marca “para” realiza as seguintes operações:

- Tem-se a noção A considerada em um instante anterior ao da enunciação. No instante da enunciação há uma extração de uma propriedade desta noção, sendo todos os outros valores considerados: qualquer outro futebol, com suas determinadas características, poderia acarretar a “antipatia” do jogador. No entanto, a ocorrência extraída no instante anterior ao da enunciação é escolhida, mas não instanciada de maneira definitiva, o que acarreta duas visões para a noção /futebol/: o futebol (futebol mesmo, a noção “pura” de futebol) e o futebol alemão, individualista e não condizente com a maneira de jogar de Kjaer. Essas duas “visões” da noção /futebol/ só se resolvem quando tomamos Kjaer como o único localizador do futebol alemão, o que acarreta uma relação necessária entre este jogador e este futebol para que tenhamos o futebol alemão com uma característica “negativa”, a de ser individualista.

Como podemos notar pela figura abaixo, B funciona como um atrator de A (com I e E representando zona exterior e zona interior do domínio nocional, respectivamente), em outras palavras, na construção da referência de A tem-se duas visões – a do interior e a do exterior de seu domínio nocional – ao atribuirmos a propriedade B (exterior do domínio), criamos AB (IE representando a visão do interior e do exterior de A, ao mesmo tempo) – fronteira.

- Aciona o percurso da noção /futebol/, fazendo com que esta esteja ora na fronteira do domínio, ora no exterior.

Para finalizar nossas considerações a respeito da marca *para* no enunciado (1) e nos enunciados construídos a partir dele, podemos dizer que há um predomínio tanto de características lexicais da marca *para* quanto de características “gramaticais”, uma vez que ela atua como um relator que contribui para o processo de referenciação do enunciado.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Pudemos constatar que a preposição *para* tem uma identidade que se manifesta em todos os seus empregos. Esta preposição não é

dessemantizada em suas atualizações no enunciado e sua identidade só pode ser apreendida através da variedade de valores e de empregos dos quais ela dá conta e que resultam sempre e necessariamente de sua interação com o seu co-texto. Dessa forma, podemos dizer que o valor espacial, temporal ou outro de uma preposição dependem dos elementos que estão ao seu redor, mas que não são suficientes para definí-la ou fixar o seu valor.

Ao trabalharmos com uma metodologia sistemática de paráfrases e glosas, refletindo sobre os termos passíveis de substituir A e B (em uma sequência A PARA B) colocados em relação pelas preposições e sobre as regularidades que eram determinantes em cada caso, dadas as propriedades que lhes eram associadas, pudemos expor⁷, neste trabalho, uma *dinâmica* invariante que seria constitutiva da função exercida pela preposição *para* no âmbito das construções por ela integradas. Essa dinâmica seria uma forma definidora da variação, o que se manteria no decorrer da variação. Tal invariante, construída por meio de manipulações do material empírico nos quais a preposição se faz presente, mostra que a variação de *para* não é qualquer, mas é sustentada por um esquema constante no âmbito do enunciado:

No esquema A PARA B, B constitui um modo de apreensão de A. Considera-se A sob uma ótica, uma categorização que é externa ao que é intrinsecamente constitutivo de A. A marca “para” abre um leque de valores para B que são imediatamente eliminados pela especificação de A por B (extração de uma propriedade de A), retornando ao valor inicial de A acrescido da propriedade B (flechagem).

B não trata A por ele próprio, mas sob uma perspectiva que permite apreendê-lo de uma determinada maneira.

Podemos dizer que essa relação não fixa a referência de A, uma vez que a cada atualização de A no esquema A PARA B, B será um localizador diferente, o que acarretará uma nova apreensão deste, mas, ao mesmo tempo é uma relação que faz de B o único e necessário localizador de A para que se tenha AB .

⁷ Vale ressaltar que por uma questão de espaço, neste texto trabalhamos apenas um enunciado, mas para fundamentar nossas afirmações, contamos com um trabalho exaustivo com inúmeros enunciados de mídias diversas.

Marca a oposição entre A e A-B, sem descartar nenhuma delas. Assim, podemos dizer que a marca “para” ajuda na definição de A, jamais fixando-lhe uma característica. Essa marca ajuda no processo de construção referencial de A e do enunciado, ao permitir a instância (momentânea) da noção A por meio de sua localização por B.

Em consequência do fato de B tornar-se o único localizador de A, elimina-se, também, toda alteridade em A, construindo-se e estabilizando-se momentaneamente a referência deste por meio de B.

Ao término deste processo, a marca “para” organiza o domínio nocional da noção A (trazendo uma ocorrência que se encontra no exterior ou fronteira para o interior) e podemos ter duas visões de A, digamos: A e A-B, uma vez que “para” contribui para a instância de sua referência no momento da enunciação do enunciado em questão e de seu contexto. Ao não fixar esta referência, a marca “para” se confunde com conceitos como “meta”, “objetivo”, “fim”, entre outros pelo fato de manter essa visão dupla de A, ou seja, A enquanto localizado por B e A enquanto A somente.

Esse tipo de reflexão mostra que nosso posicionamento teórico distancia-se de abordagens em que as unidades linguísticas são concebidas como um material semântico pré-constituído, ou seja, como objetos dotados de conteúdos inerentes.

Nosso trabalho com a reformulação dos enunciados aponta para o fato de que as preposições consideradas como semanticamente próximas das construções evidenciadas com *para*, atestam o fato de nenhuma delas ser, por si só, capaz de retratar a dinâmica ativada por *para*. Assim, somente a alternância entre as preposições não permite compreender o funcionamento de uma unidade, pois o confronto entre uma e outra ou a substituição de uma pela outra, leva ao surgimento de um novo material enunciativo, desencadeando obrigatoriamente outras representações e interações que são diferentes da significação construída pela forma da qual se partiu.

É interessante notar que podemos aflorar o sistemático por trás do que prolifera no uso da língua sem reduzir ou imobilizar essa variação, ao seja, ao invés de atribuir rótulos ao que, aparentemente está pronto, buscamos o próprio processo de significação e ocupamos nosso lugar, enquanto sujeitos enunciadores, na atividade de linguagem, por não aceitarmos uma língua dada, mas sim, uma língua constituída com a nossa participação.

Em conclusão, podemos afirmar que a busca das características intrínsecas das preposições não deve ser ignorada, pois, percebemos ao longo desse trabalho, o papel específico que a preposição para desempenha dentro do enunciado, contribuindo para o entendimento das operações de linguagem que, em funcionamento, não diferem léxico e gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bechara, Evanildo. 2001. *Moderna gramática portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Lucerna.
- Benveniste, Émile. 1976. *Problemas de lingüística geral*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- Borba, Francisco da Silva. 1971. *Sistema de preposições em português*. Tese de Livre Docência, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. Inédita.
- Cadiot, Pierre. 1991. *De la grammaire à la cognition: la préposition pour*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.
- Culioli, Antoine. 1999. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*, Tomo II, Paris, Ophrys.
- Culioli, Antoine. 2000. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*, Tomo I, Paris, Ophrys.
- Culioli, Antoine. 2002. *Variations sur la linguistique*. Entretiens avec Frédéric Fau. KlincKsieck.
- Gonçalves, Paula de S. 2008a. *A preposição para e o processo de construção referencial*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. Inédita.
- Gonçalves, Paula de S. 2008b. A preposição para e o processo de construção referencial, *Revista do Gel*, 5: 69-88.
- Gonçalves, Paula de S. 2008c. Um estudo da preposição para sob a perspectiva da TOPE de Antoine Culioli com o respaldo da lingüística histórica, *Entretextos*, 8: 38-52.
- Gonçalves, Paula de S. 2011a. O papel das preposições e da metalinguagem na constituição do sujeito enunciador, *Revelli*, 3: 63-80.
- Gonçalves, Paula de S. 2011b. Por uma gramática operatória: estudo semântico da preposição para no português brasileiro, *Inventário*, 8: 1-15.
- Neves, Maria Helena de M. 2002. *A gramática: história, teoria e análise*, ensino, São Paulo, Editora Vozes.
- Neves, Maria Helena de M. 2000. *Gramática de usos do português*, São Paulo, Editora de UNESP.
- Rezende, Letícia Marcondes. 2000. *Léxico e gramática: aproximação de problemas lingüísticos com educacionais*, Tese de Livre Docência, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. Inédita.